



Foto Tom Dinarte

## A gaúcha que desbrava a ciência mundial

Membro da Academia Mundial de Ciências, convidada para integrar a ONU Mulheres e premiada internacionalmente, Márcia Barbosa alia o seu trabalho na pesquisa ao fim da desigualdade de gênero no ambiente acadêmico

POR João Carlos Dienstmann | FOTOS Divulgação, Tom Dinarte e Beto Hacker

O mês de março é representado pelo Dia Internacional da Mulher, comemorado no dia 8 de março. A simbólica data foi criada no início do século XX, nos Estados Unidos a partir de uma marcha feminina em busca da equidade de direitos entre homens e mulheres e pelo direito ao voto. A ocasião foi oficializada em 1975 pela Organização das Nações

Unidas (ONU) e é comemorada em mais de 100 países como um dia voltado à luta pelo fim da desigualdade de gênero em diversos segmentos da sociedade, mas, principalmente, pela valorização feminina.

A presença de mulheres em cenários cuja predominância é masculina ainda é um tema que carece de maior debate. Elas cresceram,



Foto Beto Hacker

“Nós tínhamos uma origem humilde, mas tive a sorte de estudar em boas escolas públicas. Sempre fui incentivada a focar nos estudos, pois era a melhor maneira para mudar de vida”

são tão qualificadas quanto seus concorrentes, têm acesso ao mesmo estudo, no entanto, ainda não se reflete em valorização e prestígio. Um levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que uma mulher ganha cerca de 20% menos que um homem estando eles em pé de igualdade em nível de ensino e cargo. A diferença pode aumentar conforme a faixa etária – quanto mais velhos, maior a disparidade.

Professora de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e cientista, Márcia Barbosa contou sobre sua trajetória acadêmica, reconhecida internacionalmente com a inclusão na ONU Mulheres. Ela foi escolhida dentre uma série de pesquisadores de todo o mundo que impactaram a ciência mundial com seus trabalhos realizados. Ela também foi eleita uma das 20 mulheres mais poderosas do Brasil, de acordo com ranking feito pela revista Forbes. Focada em desenvolver uma pesquisa sobre a água e suas variações, ela já publicou dezenas de artigos sobre o tema e foi premiada dentro e fora do País. Contudo, Márcia ainda vê um caminho tortuoso para a ciência, em especial para as mulheres, dentro do cenário mundial.

### Trajetória com poucas parceiras

Carioca de nascimento, Márcia veio para o Rio Grande do Sul ainda pequena. O pai, electricista, despertava seu interesse com demonstrações do seu trabalho, o que lhe fizera seguir já no colégio para a área de exatas. Com toda a formação feita em escolas públicas, ela lembra que a família lhe dizia para apostar no estudo para modificar um cenário do qual não parecia ser possível fugir. “Nós tínhamos uma origem humilde, mas tive a sorte de estudar em boas escolas públicas. Sempre fui incentivada a focar nos estudos, pois era a melhor maneira para mudar de vida”, afirma.

Concluído o colégio, chegou a vez de encarar o vestibular. A escolha pelo curso causou uma surpresa: Física. Um curso pouco usual para mulheres - e que confirmou uma expectativa negativa da então recém aprovada. “Entrei na sala de aula e eram 80 alunos. Destes, apenas eu e mais três mulheres. ‘O que estou fazendo aqui?’, foi a primeira coisa que pensei”, lembra. A presença masculina em ampla maioria lhe incomodou, ainda mais pelo fato da graduação ter sido feita durante o período do regime militar no Brasil, cujo refle-

xo foi um afastamento da família por conta da participação em passeatas pedindo liberdade e equidade. O despertar para a defesa da bandeira feminina na universidade foi quando Márcia entrou para uma bolsa de pesquisa, coordenada por uma mulher. “Foi aí que passei a ser uma ativista da presença de mulheres na academia”, conta.

Naquela época, a chegada de mulheres em ambientes acadêmicos soava como a exceção. A regra era tê-las em casa, cuidando dos filhos e das lidas domésticas, enquanto os homens tinham a obrigação de trabalhar e fornecer o sustento à família. Por isso, Márcia explica que a dificuldade para ela foi ainda maior por conta do preconceito e o machismo. “Eu sentia na pele que precisava fazer o dobro ou triplo para ser notada e conseguir estar onde meus colegas tinham chegado. Tinha que me provar capaz a todo o momento. Era uma luta diária para mostrar minha inteligência”, explica. Essa dificuldade extra fez a então pesquisadora se engajar em bandeiras de defesa dos direitos femininos e da presença feminina em projetos de pesquisa.

### Uma realidade melhor, mas ainda distante do ideal

Após uma série de movimentos no Brasil e junto aos órgãos internacionais voltados à pesquisa para notar a presença feminina, Márcia avalia que o cenário se modificou positivamente. Ela mesma ganhou posições de destaque, ao ser indicada para a Academia Mundial de Ciências, em dezembro do ano passado, e ter sido a primeira mulher latina a ser condecorada com a Medalha Nicholson da Sociedade Americana de Física, em 2009, por ter feito um trabalho sobre a questão de gênero na Física. Na Ufrgs, ela comanda um estudo sobre água e biomoléculas, gênero e diversidade e sobre ciência e tecnologia voltado às publicações.

No entanto, os movimentos recentes do governo federal para diminuir o pagamento de bolsas de pesquisa trazem preocupação para a professora e pesquisadora. Segundo ela, essa política poderá gerar novos desequilíbrios no



“Eu sentia na pele que precisava fazer o dobro ou triplo para ser notada e conseguir estar onde meus colegas tinham chegado. Tinha que me provar capaz a todo o momento. Era uma luta diária para mostrar minha inteligência”

ecossistema da pós-graduação. “É um desejo ideológico ter menos estudos, e isso deve impactar as mulheres. Tivemos ganhos importantes, com a concessão de licença-maternidade durante o período da bolsa e não sabemos se isso será mantido”, comenta. Ela teme que algumas áreas, como as de humanas, sofram com a precarização dos trabalhos por conta da falta de estímulo do governo em aprofundar temas dessa seara e, naturalmente, pelo afastamento de pesquisadores do tema, visto que a redução de vagas implicaria em uma fuga para outros centros, como a Europa e os Estados Unidos.

Além disso, Márcia entende que a diversidade é o que torna a ciência diferente. “Termos, em um mesmo ambiente, homens, mulheres, negros, gays, todos em prol de um estudo é o sonho de qualquer pesquisador. Um pesquisa plural torna o resultado mais rico, pois temos vieses diferentes”, afirma. Como pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ela conta que em 15 anos o crescimento de bolsas concedidas às mulheres teve um crescimento de apenas 2%.

O fim da rotulagem, a valorização do profissional independente do gênero e a busca por ambientes plurais passaram a ser uma bandeira da professora dentro e fora da universidade. Para ela, há um estigma muito forte sobre a capacidade feminina de lidar com a pressão e a liderança, algo que pode ser combatido com o estudo, com a valorização acadêmica das profissionais e, sobretudo, da mudança de uma cultura enraizada. “Há cursos que recebem carimbos de inteligência, como se fossem superiores, o que não é verdade. Pude chegar em um estágio da minha carreira que é ótimo, mas com muito sacrifício e com obstáculos que não deveriam ter aparecido”, relata. Como mantra, ela sugere. “Não há profissão mais feminina ou mais masculina. Devemos fazer o que gostamos e temos que ensinar as crianças sobre isso. Com 7 anos, a criança já sabe distinguir situações. A educação em casa pode mudar esse cenário”.